



Pintura
Escola de Belas Artes - UFRJ.

PROJETO DE CONCLUSÃO DO
CURSO DE PINTURA

Côncavo e Convexo

Aluno: Anderson de Souza Carvalho

Orientador: Ricardo Newton

Rio de Janeiro

12/2018

MEMBROS DA BANCA

Prof. Lício Bossolan

Prof^a. Lourdes Barreto

Prof. Ricardo Newton

Orientador

CONCEITO FINAL _____

Aprovado em _____

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus entes por terem me iniciado na vida artística de maneira tão natural. Em minha casa, sempre estive rodeado de arte. Posso dizer que, minhas grandes mestras foram minhas progenitoras, minha avó, Carmelita, com seu irretocável bordado, minha mãe, Elda e minha irmã, Adriana com suas pinturas e desenhos. Meu irmão, Alessandro, grande incentivador e crítico. Crescendo neste ambiente altamente artístico, fui incentivado a aprimorar minhas técnicas pelo meu pai, Lenilton, pois trabalhando como moldureiro me facilitou a entrada nos ateliês da região. Gostaria de agradecer a minha família que sempre esteve ao meu lado, apoiando os meus projetos, dando força e conselho, quando eu mais precisei, fazendo acreditar na minha capacidade, em especial aos meus pais e minha esposa que tiveram e tem muita paciência comigo.

Agradeço a minha esposa, Verônica, por sua paciência e sabedoria sempre demonstradas em suas atitudes, minha eterna musa, agradeço por ter me dado dois filhos maravilhosos, Guilherme e Pedro, que me mantêm inspirando na arte. E ao meu cunhado, Carlos Victor, que me abriu as portas para esta instituição.

Gostaria de agradecer a todos os professores da EBA-UFRJ, que de alguma forma tive contato durante a minha graduação, por todo o aprendizado e pelo crescimento acadêmico e artístico que me proporcionaram.

Índice

1. Desenvolvimento.....	1
2. Desenvolvimento do Processo Artístico.....	9
3. Considerações Finais.....	15
4. Referências Bibliográficas.....	20

Índice de Figuras

Figura 1: “O Casal Armolfini” -Van Eyck.....	i
Figura 2: Processo de Execução da Técnica	iii
Figura 3: Obra do artista Steven Smith.....	1
Figura 4: Mão com Esfera Refletora - Escher.....	2
Figura 5: “A Orquídea” -Anderson Carvalho.....	2
Figura 6: “As Meninas”- Velasquez.....	3
Figura 7: “Vênus olhando-se ao Espelho” -Velasquez.....	4
Figura 8: “O Casal Armolfini” -Van Eyck.....	4
Figura 9: Obra do artista Simon Hennessey.....	5
Figura 10: The world in a Bubble (O mundo em uma bolha).....	6

Figura 11: “Varanda”- Escher.....	6
Figura 12: <u>S</u> ignificado de Reflexão.....	7
Figura 13: Superfície Refletores.....	8
Figura 14: Imagem Espelhada na Bolha.....	8
Figura 15: Processo de Execução da Técnica	9
Figura 16: Processo de Execução da Técnica	10
Figura 17: Processo de Execução da Técnica	10
Figura 18: Processo de Execução da Técnica	11
Figura 19: Processo de Execução da Técnica	11
Figura 20: Processo de Execução da Técnica	12
Figura 21: Processo de Execução da Técnica	13
Figura 22: Esquema de Desenho.....	13
Figura 23: Imagem espelhada na bolha	14
Figura 24: Processo de Execução da Técnica	16
Figura 25: Processo de Execução da Técnica	17
Figura 26: Processo de Execução da Técnica	18

Resumo

Neste trabalho apresentaremos uma pesquisa sobre o processo de desenho côncavo com reflexo convexo, as figuras distorcidas, que estão sempre presentes em nosso cotidiano, nos óculos, nas taças, nas gotas de orvalho, nas bolhas de sabão e que muitas vezes passam despercebidas e que costumavam ser apresentadas nas obras de arte como plano de fundo, no entanto, os autores pesquisados as posicionaram no primeiro plano, nos mostrando uma maneira diferente de demonstrar os diversos ângulos e as particularidades das diferentes técnicas, que foram tão importantes na elaboração deste trabalho.

Por este motivo, procurei elaborar um procedimento para facilitar a execução de desenhos onde as imagens refletidas tenham o foco principal na obra. Esta técnica poderá servir de base e serem implementado em qualquer tipo de figura plana.

Introdução

A presente pesquisa busca, sob uma ótica diferenciada, refletirmos sobre a nossa percepção do que está ao nosso redor. Muitos afirmam que é possível enxergar simultaneamente tudo o que nos cerca, num mesmo momento, porém, de maneira imediata, não visualizamos tudo que está refletido nos objetos que nos rodeiam com suas nuances e distorções.

Nessa visão de mundo é preciso perceber a existência do que está numa outra esfera e se encantar com o que se revela, observando-se de uma maneira diversa cenas pelas quais passamos habitualmente sem captarmos enquadramentos mais incomuns, para que possuam uma harmonia particular e única.

Um artista que teve esta visão foi o Jan Van Eyck, na sua obra mais famosa “Arnolfini Portrait” pintada em 1434, que, à primeira vista, retrata o matrimônio de um próspero comerciante da sua época. Na própria obra: “O Espelho”, ganha grande destaque na história da arte por ser uma das primeiras vezes que um artista se retrata, sendo parte integrante de um quadro, onde se insere em um espelho convexo solitário, como um observador, uma testemunha da ocorrência. Abrindo uma nova janela para a obra.



Figura 1- Obra do artista Jan Van Eyck

Desejo mostrar o que não percebemos ao nosso redor, imagens que se escondem em objetos e lugares comuns, pouco observados; agrada-me a busca de apurar esta visão por uma ótica pouco utilizada ou percebida. Estamos habituados a ver tudo da mesma maneira, nós olhamos para os objetos, mas, não nos prendemos nos pequenos detalhes, nas nuances, nas imagens distorcidas que eles revelam, um mundo único, pouco observado, como na obra de Diego Velásquez, *Las Niñas*, 1656.

“...no fundo da sala, esse espelho desolado, pequeno retângulo brilhante que nada mais é senão visibilidade, mas sem nenhum olhar capaz de apossar-se dela, torná-la atual e contrastar-se no fruto, subitamente amadurecido, de seu espetáculo.” (Foucault, Michel. 2016)

Na obra, *O Espelho*, a imagem refletida não tem destaque inicial, esta serve de pano de fundo e ao introduzir uma figura cria um novo momento, uma nova área para trabalhar. Maurits Cornelis Escher o coloca em total destaque criando várias interpretações e segundo Bruno Ernest, em seu livro, afirma que:

“Vemos dois mundos diferentes num único lugar e ao mesmo tempo, suscita uma sensação de feitiço. Temos que inventar uma palavra para esta impossibilidade - simultópica- ou descrevê-la: a ocupação, ao mesmo tempo, do mesmo lugar. Só uma artista nos pode dar essa ilusão e através dela nos proporcionar uma sensação tão peculiar, uma experiência de um sentimento absolutamente novo”. (Ernest, Bruno. 1978)

Trabalhei com esta ideia inicialmente na minha pintura, a de colocar uma imagem que não apareceria de imediato, que não estaria em primeiro plano, a colocaria oculta em um espelho, metal, ou em qualquer material que me possibilitasse a inclusão da imagem refletida. Quando vejo Escher trazendo para o primeiro plano esta imagem como tema central em vários momentos, resolvo arriscar-me, seleciono fotos, aplico técnicas pra destorcê-las em formas

curvas, criando as em forma de gota. Outra hora, coloco as em formato de bolha de sabão. Vendo como Escher busca na Matemática e na Física certas respostas, procuro utilizar a mesma forma de pensamento para aplicar as ilusões de curvatura, criando uma grade para orientar-me em tais efeitos.



Figura 2- Processo de Execução da Técnica

Com relação às cores, busco utilizar uma palheta, predominantemente terrosa, inicialmente, com tons neutros, para que, quando posteriormente, aplicar a técnica de veladuras com tons quentes e frios estes me darão novos destaques acentuando os volumes cromaticamente.

Desenvolvimento

A ideia desse trabalho se iniciou ao realizar um estudo para matéria Pintura III, sobre o artista Steve Smith, que sempre pintava suas modelos com óculos chamativos, com uma paleta de cores em tons saturados e bolhas de sabão ao seu redor.

Inspirado por esse artista, iniciei uma série de estudos baseados no seu mundo fantástico, contrastando com o “real”, o que se pode perceber em sua afirmação:

"Eu gosto de experimentar com a ideia de realismo. Não tenho a certeza se o que eu pinto é surreal ou real. Estou sempre mudando e aprendendo sobre o que eu faço, mas eu sou certamente mais preocupado que minhas pinturas sejam mais interessantes e positivas do que super-realistas." (Steven Smith)

Uma das suas estratégias na execução da obra é colocar as modelos no sol para aumentar a intensidade das cores e destacar o contraste com a sombra.



Figura 3- Obra do artista Steven Smith

Influenciado, também, pela visita à exposição de M.C.Escher, onde uma das instalações nos remetia para o interior de uma de suas obras: “Mão com esfera reflectora”. O artista, ao transformar o plano em côncavo e convexo, utilizando-se de cálculos e meios-tons,

deixa claro, na litografia “Mão com esfera reflectora”, seu auto-retrato, ao fundo, um escritório retorcido pela forma da figura retratada e a mão real tocando sua imagem refletida.



Figura 4- “Mão com Esfera Reflectora”- Escher

Com estas influências, resolvi colocar algo refletido em uma das lentes dos óculos em que pintava; nada com tanto apelo, não era o foco central da obra.



Figura 5 – “A Orquídea”- Anderson Carvalho

No mesmo período, fui convidado para fazer uma exposição na cidade Arraial do Cabo e expus essas obras. No decorrer da exposição, tendo observado que as pessoas

percebiam a imagem refletida e retornavam para procurar reflexos, como se não tivessem observado nas outras obras o mesmo efeito. Percebendo o interesse pelas imagens refletidas dei início a pesquisa de artistas que utilizavam esse tipo de imagem em suas obras.

Velasquez, artista que se torna referência para os artistas realistas e impressionistas, em sua obra “As Meninas” revela a cena de um aposento da realeza, colocando o espectador no local do casal real, proporcionando a visão que o casal teria. O artista se coloca em destaque, e no fundo, um espelho revela o reflexo do casal.



Figura 6 – “As Meninas”- Velasquez

Em outra obra, a “Vênus olhando-se ao Espelho”, o reflexo é utilizado como pano de fundo, com menos destaque, porém, com a mesma importância.



Figura 7 – “Vênus olhando-se ao Espelho”- Velasquez

Seguindo esta linha de pesquisa, considerada a obra prima do pintor flamengo Jan Van Eyck, “O Casal Arnolfini”, obra rica em detalhes com vários simbolismos e interpretações em seus objetos. Apesar dessa riqueza de informações o que mais me chama atenção é um espelho convexo no fundo do quadro, onde temos a imagem do casal e do artista. Assim como na obra de Velásquez, podemos ver o que está oculto, ou seja, nos proporciona abrimos um novo campo na obra.



Figura 8 – “O Casal Arnolfini” Van Eyck

Com minha atenção voltada para este novo campo, não como objeto de fundo compositivo ou secundário, mas sim como foco principal, encontrei um artista contemporâneo, que utiliza tema similar, Simon Hennessey, inglês, hiper-realista, que utiliza técnicas como aerógrafo e acrílico para a execução de suas obras. Quando pintava um modelo que utilizava óculos de sol, se deu conta que a imagem refletida abria este novo horizonte, por ele ainda não explorado, pois a paisagem ao redor estava representada de uma maneira distorcida e minimalista. Com isso, dedica seu campo de estudo para este foco, como viaja pelo mundo fotografando locais emblemáticos utilizando essas fotografias como fonte, alterando-as de acordo com a ilusão pretendida, criando sua própria realidade.

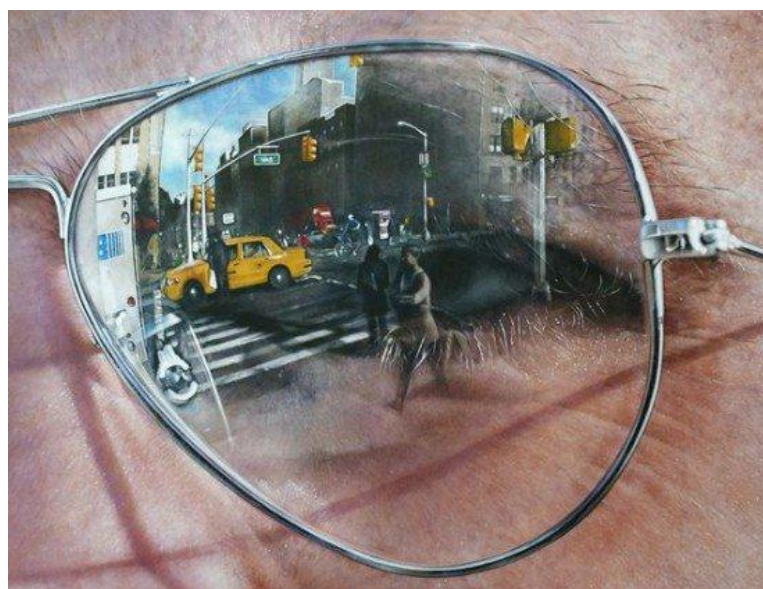


Figura 9– Obra do artista Simon Hennessey

Também, neste pensamento, o americano, Tom Storm, fotografava próximo de um vendedor, em um festival de verão, na Inglaterra, clicando fotos das bolhas que este vendedor fazia, em busca de um ângulo e novos efeitos. Ao retornar de sua viagem, examinou

tais fotos, se deparou com a paisagem do local refletido em um efeito da lente olho de peixe, criando o projeto “*The world in a Bubble*” (O mundo em uma bolha).



Figura 10 – *The world in a Bubble* (O mundo em uma bolha).

Senti-me atraído em entender como surgia esta distorção nesse objeto. Como poderia fazer uma figura plana ter este efeito? Continuando minha pesquisa, observei outra obra: “*Varanda*”, sua concavidade me levou a estudar a técnica que o artista utilizou para transformar uma imagem plana em uma com esta deformidade. Busquei explicação na Matemática, na Física e no livro “*O Espelho Mágico*”, de M.C. Escher, que fora escrito por um Bruno Ernst, para me possibilitar maior aprofundamento de uma técnica, com a intenção de fazer uma bolha de sabão.

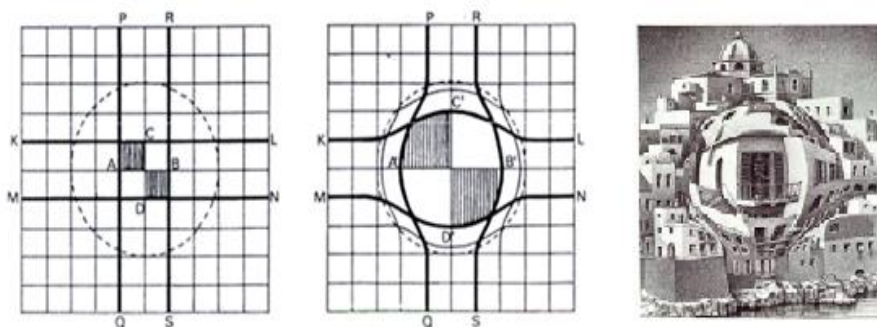


Figura 11 – “*Varanda*” - Escher

Este conceito ajudou-me a resolver parte da equação, a bolha tem dois momentos de reflexão. Assim como, Escher buscava explicações no campo das exatas para refletirmos sobre o tema, cito uma explicação do significado de reflexão, no âmbito da Física: “é o fenômeno que no fato de a luz voltar a propagar no meio de origem, após incidir na superfície desse meio com outro.” Bôas, Newtin Vilas. Doca Ricardo Hetou, Biscuola Gualter José – 2012, pag. 324.

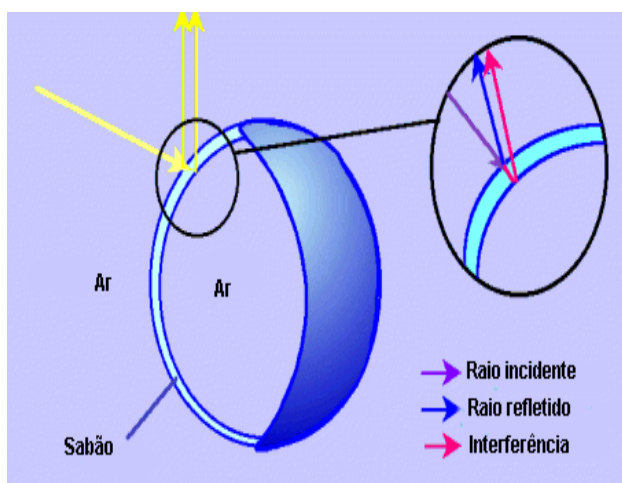


Figura 12 – Significado de Reflexão

Ao estudar o processo desenvolvido nas obras de Escher, percebi sua ideia de pegar uma fonte plana e a destorcer da maneira que desejava. Como o foco da pesquisa é sobre o reflexo nas bolhas, quis saber como ocorria na realidade para, também, reproduzir quando necessário.

Com isso, ficou esclarecido, na pesquisa da Física, que as bolhas são duas áreas refletoras uma externa (convexa) e outra interna (côncava).

Quando olhamos uma bolha num dia ensolarado, são notáveis mudanças de cor em sua superfície, parecendo as cores do arco-íris. Esta variação ocorre em razão da reflexão e refração da luz em sua superfície. Esse colorido que percebemos na superfície das bolhas

deve-se a interferência entre os raios de luz refletidos e refratados na fina película da bolha de sabão.

Há um objeto real, um espelho esférico convexo, conjugando uma imagem sempre virtual, direita e menor, compreendida entre o foco principal e o vértice, independentemente da distância do objeto da superfície refletora.

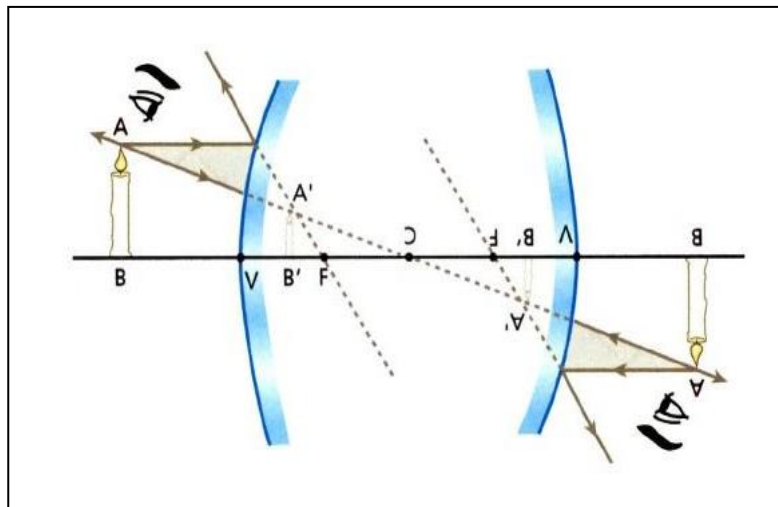


Figura 13– Superfície Refletora

As características das imagens produzidas pelos espelhos côncavos, por sua vez, dependem da posição do objeto em relação ao espelho, como podemos observar na figura a seguir:



Figura 14– Imagem espelhada na bolha

Desenvolvimento do Processo Artístico

Muitos foram os caminhos trilhados para minha pesquisa, por essa razão, apresentarei a seguir o desenvolvimento do meu processo artístico.

Trabalhando com a ideia de transformar uma figura plana em côncava ou convexa, dou início a meu estudo criando um desenho em uma grade plana, depois destorcendo para forma desejada.

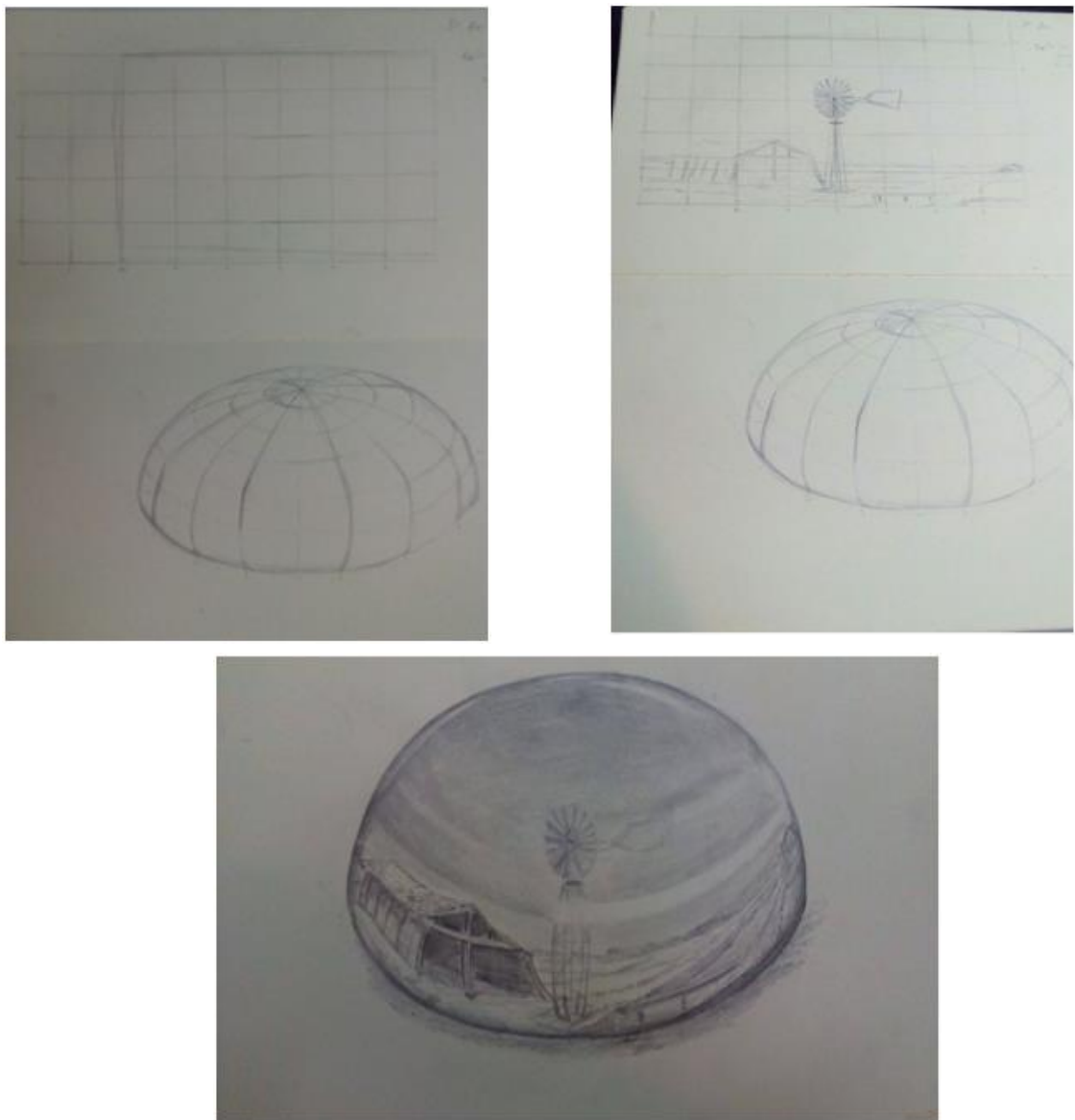


Figura 15 – Processo de Execução da Técnica

Com o tema já definido e esquematizado, preparo o suporte das explicações das próximas obras, na tela.

No caso da gota, utilizarei de fundo o neutro de cinza. A fonte de inspiração é uma das cenas que era comum na minha cidade natal, que hoje perdura somente nas lembranças dos mais antigos, as salinas, de Cabo Frio, RJ.



Figura 16 – Processo de Execução da Técnica

Após todas as questões, com relação ao desenho, efetuo lançamento do esquema e desenho com carvão e contorno o desenho com tinta ocre.



Figura 17 – Processo de Execução da Técnica

Uso um pincel marca Tigre 815, nº zero. Depois do contorno seco, nesta obra específica, farei a pré-pintura lançando as cores sem tanta pasta para que não crie relevos indesejados, utilizando a espátula preparo.



Figura 18 – Processo de Execução da Técnica

Dou início à pintura do fundo para frente, como utilizo o fundo escuro, tenho pressa em abrir as luzes à obra para dar a ideia do volume que desejo.



Figura 19– Processo de Execução da Técnica

As cores nas camadas inferiores devem ser saturadas e luminosas, pois torna-se mais eficiente o trabalho de neutralizar, cozinhando a cor, reduzindo, assim, a chance de sujar as camadas seguintes.

Com a tinta ainda fresca, começo a afinar as meias tintas, fazendo estas passagens mais sutis, mesmo que ainda não tenha criado grande profundidade, respeitado a ideia de que a sombra simples, sem muitos detalhes aparentes e a luz detalhada, empastada, dará mais riqueza de detalhes. Dessa maneira, consegue-se um efeito de grande volume.



Figura 20– Processo de Execução da Técnica

Esta pintura é mais recente. Como tenho estudado mais a fundo a pintura espatulada, utilizei o mesmo processo, porém, este se torna mais desafiador ao fazer linhas curvas trabalhando com tinta diluída, com esfregação, com intuito de buscar uma transparência como em uma veladura, pois com a espátula não é tão simples como com o pincel.

Utilizando o mesmo processo de pintura, citado acima, com a diferença da utilização de pincéis e não espátula, tenho a possibilidade de trabalhar uma execução mais precisa de detalhes na pintura, ao usar tintas magras nas sombras e entrar com empastamentos na luz. Mais adiante, terei mais segurança do ajuste tonal do conjunto.



Figura 21– Processo de Execução da Técnica

Lançando mão da esfera gradeada, abaixo, como técnica de desenho para transformar uma imagem plana em côncava e convexa e dando a ilusão de ser uma bolha de sabão, conforme adaptação da técnica de Escher, a aplicarei sobre uma tela, após selecionar uma foto.

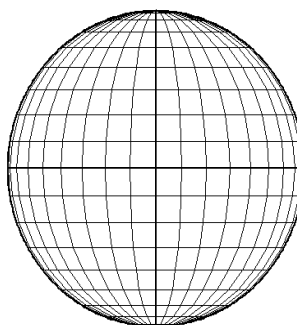


Figura 22– Esquema de Desenho

Ao selecionar esta foto, a quadriculo e inicio o processo de preparação da tela, lixando a, buscando um acabamento mais fino, após aplicarei um fundo terroso, utilizando um lápis branco, para facilitar a visualização. Faço uma meia esfera, na tela, com a mesma quantidade de quadrados da foto plana. Desenho toda a figura, na metade superior da esfera, aplicando a distorção dos ângulos da meia esfera, esta imagem me dará o efeito côncavo. Repetirei este procedimento na parte inferior da esfera, esta imagem me dará o efeito espelhado convexo.

A imagem abaixo, explica como as imagens se comportam dentro da bolha, espelhando de maneira invertida. Observe que a árvore maior, da parte superior, está a direita e a da parte inferior encontra-se a esquerda, ou seja, tem que estar refletidas inversamente.



Figura 23– Imagem espelhada na bolha

Considerações Finais

Este trabalho tem como objetivo central apresentar a pesquisa desenvolvida sobre o tema imagens refletidas e o processo artístico de vários artistas e as diversas maneiras com que introduziram o reflexo em seus trabalhos, nas diferentes visões e técnicas. Pesquisei grandes mestres da pintura, grafiteiros, fotógrafos, desenhistas que com grandes técnicas de “ilusão,” possibilitaram com que me deparasse com diferentes interpretações ou leituras das imagens refletidas em suas obras, criando novas aberturas interpretativas, seja como foco principal ou compositivo.

Na obra a seguir, demonstraremos a aplicação da técnica pesquisada, com o intuito de facilitar o entendimento do processo artístico.

Inicialmente foi desenvolvido o procedimento de transformação de uma imagem plana em uma imagem côncava e refletida de forma convexa.

Após aplicarmos a técnica do desenho na figura de uma igreja, fiz uma pré-pintura colorida, fazendo o fundo desfocado, em tons de verdes terrosos. Fiz a esfera com a marcação de um azul mais saturado, para diferenciação de fundo e imagem principal, criando um recorte para facilitar a visualização do efeito da bolha.

No primeiro plano, iniciei dando detalhes na parte inferior, para ter certeza que conseguiria o destaque desejado, sabendo que esta imagem seria mais difícil de visualizar por estar de cabeça para baixo. Sabendo que faria uma veladura sobre esta parte, fiz todas as minhas experimentações de destaques, mesmo sabendo que perderia alguns detalhes ao inserir

as cores do arco-íris impostos pela bolha. O que ocorre com menos intensidade na parte superior, onde supus que a imagem deveria ser mais preservada, mesmo que de forma sutil.



Figura 24– Processo de Execução da Técnica

Na obra a seguir, em estudos anteriores sobre as fotografias de Tom Storm, já havia me deparado com o resultado indesejado de tom metalizado para a bolha de sabão, assim, pude entender melhor quais cores não funcionariam para dar destaque na bolha ao utilizar tom frio sobre tom frio, pois funcionam muito bem com relação a harmonia cromática, utilizando uma palheta fria quase sem tons contrastantes, porém, com relação ao efeito de bolha ficou muito frio, dando uma impressão de uma esfera metalizada. Ao tentar induzir a

leitura do espectador e fazê-lo acreditar que era uma bolha de sabão, lancei mais duas pequenas bolhas ao lado, com tamanhos diferentes, não querendo sair tanto da palheta fria, fui conservador com relação aos tons, os aqueci mais, contudo, não o suficiente para dar o efeito de arco-íris típico das bolhas de sabão.



Figura 25– Processo de Execução da Técnica

A fim de não cometer o mesmo erro na obra da igreja, e obter destaque, tanto tonal quanto focal, mantive o fundo da pré-pintura, pois observei que este não deveria ser alterado ou destacado, repetindo assim o mesmo procedimento de destaque na parte superior da bolha, anexando detalhes com tintas mais saturadas para evidenciá-los.

Após a secagem de todas as camadas, seleciono as cores correspondentes ao arco-íris e inicio o procedimento de veladura, que proporcionará o efeito tonal da bolha.

Como poderá ser observado na figura a seguir:



Figura 26– Processo de Execução da Técnica

Pude concluir com esta pesquisa que esta técnica demanda muito estudo, em diversas áreas, para que se obtenha o resultado desejado, visto que são muitas etapas para que a obra se apresente de maneira natural, suave ao olhar do espectador, que deve ter a experiência que está visualizando a minha interpretação de uma bolha de sabão, com imagens dificilmente percebidas a priori.

Minha intenção é mostrar ao espectador a imagem que sempre esteve na bolha, nos poucos segundos em que ela permanece intacta refletindo o ambiente a sua volta, mas por

ser tão rápido e não estarmos preocupados, ou em busca de vislumbrar a imagem refletida e sim na visualização bolha em si, não as percebemos como objeto refletor. Por esse motivo, intencionalmente, decidi tornar tais imagens o foco principal das minhas obras e para registrar esse momento e explicar como tal efeito funciona, criei um procedimento para facilitar a execução da obra e implementar o processo de desenho côncavo com reflexo convexo, que pode ser utilizado em qualquer tipo de fonte.

Referências Bibliográficas

BÔAS, NEWTON VILAS; DOCA, RICARDO HELOU; BISCUOLA, GUALTER JOSÉ (2012); *Tópicos de Física* - Vol. 2 - Termologia, Ondulatória e Óptica – Saraiva, 19ª Ed.

ERNEST, Bruno (1978); *O Espelho Mágico de M.C. Escher*. Editora Taschen.

FOUCAULT, Michel (2016); 10ª edição. *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. – Martin Fontes. São Paulo.

GOMBRICH, E.H. (1999); LTC 16ª edição. *O Livro da Arte* – Martin Fontes. São Paulo.

Sites

<https://steryolog.wordpress.com/2014/08/27/kelimeler-ve-seyler> - acessado em:08/08/2016

<http://kafenisanje.rs/2016/03/31/skriveni-detelji-u-poznatim-slikama> - acessado em: 08/08/2016

<https://www.tutoriart.com.br/tom-storm-fotografando-o-mundo-em-uma-bolha> acessado em: 09/08/2016

<http://papofisico.tumblr.com> - acessado em: 09/08/2018